

O CASTELO DO HARRY POTTER: A PRESENÇA DO COLÉGIO MARISTA NA EDUCAÇÃO NO RIO DE JANEIRO

THE CASTLE OF HARRY POTTER: THE PRESENCE OF THE MARIST COLLEGE IN TIJUCA, RIO DE JANEIRO

Paula Leonardi¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Pedro Henrique Nascimento de Oliveira²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Ana Carolina Costa Silva³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

RESUMO

Semântica, metáforas, signos. O que transmitem ou representam os colégios católicos na paisagem da cidade para seus moradores ou ex-alunos? Este artigo aborda as representações do Colégio Marista São José para estas pessoas, visando observar a eficácia da política de memória da instituição para sujeitos de dentro e de fora dela. Instalado no bairro Tijuca, Rio de Janeiro, o antigo hotel foi adquirido pela Congregação dos Irmãos Maristas em 1928 e inaugurado como colégio em 1932. A metodologia envolveu entrevistas semiestruturadas e a construção de um diário de campo. A análise das fontes indica que a presença física do colégio ao longo dos seus mais de 90 anos carrega certa "magia", uma marca que comunica religiosidade e tradição, resultado de práticas de transmissão de memória associada ao edifício percebido como lugar de memória. Para pessoas de dentro e de fora ele demarca fronteiras.

Palavras-chave: Colégio Marista São José; patrimônio; memória.

ABSTRACT

This article discusses the representations of the Marist College São José for residents and former students, in order to observe the effectiveness of the memory policy of the institution for subjects inside and outside

¹ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Rua São Francisco Xavier, 524 Grupo 12.037-F, Maracanã, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil CEP 20550-013. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4046-9703> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6930629041565848>. E-mail: leonardi.paula@gmail.com.

² Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisador do Grupo de Estudos História da Educação e Religião (GEHERRio/UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Rua São Francisco Xavier, 524 Grupo 12.037-F, Maracanã, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil CEP 20550-013. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9783-5968> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3651464355596585>. E-mail: ph_olliveira@yahoo.com.br.

³ Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora do Grupo de Estudos História da Educação e Religião (GEHERRio/UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Rua São Francisco Xavier, 524 Grupo 12.037-F, Maracanã, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil CEP 20550-013. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0003-4884-6574>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6694328577080481>. E-mail: anacarolina.costasilva2017@gmail.com.

it. Located in the Tijuca neighborhood of Rio de Janeiro, the old hotel was acquired by the Congregation of the Marist Brothers in 1928 and opened as a college in 1932. Mobilizing the concepts of memory, heritage and territoriality we want to answer how the presence of the school is perceived by those who transit through it, as well as by those who studied it. The methodology involved semi-structured interviews and the construction of a field diary from the dense description. The analysis of the sources indicates that the physical presence of the school throughout its more than 90 years carries a "magic", a mark that communicates religiosity and tradition. This results from the sum of memory transmitted by generations with the monumentality of the building. And it produces, therefore, a delimitation of internal and external borders in the Tijuca neighborhood.

Keywords: Colegio Marista São José; heritage; memory.

RESUMEN

El presente artículo aborda las representaciones del Colegio Marista San José para residentes y exalumnos, con el fin de observar la eficacia de la política de memoria de la institución para sujetos de dentro y fuera de ella. Instalado en el barrio Tijuca, Río de Janeiro, el antiguo hotel fue adquirido por la Congregación de los Hermanos Maristas en 1928 e inaugurado como colegio en 1932. Movilizando los conceptos de memoria, patrimonio y territorialidad se desea responder cómo la presencia del colegio es percibida por quienes transitan por él, así como por aquellos que en él han estudiado. La metodología implicó entrevistas semiestructuradas y la construcción de un diario de campo a partir de la descripción densa. El análisis de las fuentes indica que la presencia física del colegio a lo largo de sus más de 90 años lleva una "magia", una marca que comunica religiosidad y tradición. Esto resulta de la suma de la memoria transmitida por las generaciones con la monumentalidad del edificio. Y produce, por lo tanto, una delimitación de fronteras internas y externas en el barrio Tijuca.

Keywords: Colegio Marista São José; patrimonio; memoria.

INTRODUÇÃO

Semântica, metáforas, signos⁴. O que transmitem ou representam os colégios católicos na paisagem da cidade para seus moradores, ou ex-alunos? Muitos dos colégios de organizações religiosas católicas marcam a paisagem do Rio de Janeiro até os dias atuais⁵. Alguns são tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) ou pela prefeitura da cidade, contribuindo para a produção do que se entende como patrimônio nacional ou carioca. É o caso do Colégio Marista São José, que exerce a mesma função social educativa há 92 anos sem ter sido fechado ou mudado de endereço. Foi tombado pelos Decretos Municipais: n.º 19.010 de 05 de outubro de 2000 e n.º 19.342 de 27 de dezembro de 2000.

A congregação dos Irmãos Maristas, fundada em 1817 por Marcelino Champagnat na França, chegou ao Brasil a convite do bispo da diocese de Mariana em Minas Gerais em 1897. E em 1902, chegou à cidade do Rio de Janeiro a pedido de Dom Joaquim Arcanjo para assumir o Colégio Diocesano São José no Rio Comprido. Com o passar dos anos, o número de matrículas cresceu e eles construíram duas instituições de ensino no bairro da Tijuca, bairro da zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

4 A inspiração para este início vem do texto de Benito (2000).

5 Em pesquisas anteriores foram identificadas 77 escolas.

A primeira escola, situada à rua Barão de Mesquita n.º 164, foi inaugurada em 1928 como externato, funcionou até 1997, quando encerrou suas atividades e seus prédios anexos foram vendidos. O prédio principal, mantido pelos maristas, foi tombado pelo Patrimônio Cultural do Estado do Rio de Janeiro pelo decreto-lei n.º 3317 de 09 de dezembro de 1999. Chegou a ser reaberto em 2015 para atender alunos do 3º ano do Ensino Médio, entretanto somente por dois anos, sendo desativado definitivamente em 2017 e alugado para outra instituição de ensino privado.

A segunda escola, situada à rua Conde de Bomfim n.º 1067, foi inaugurada em 15 de fevereiro de 1932 como internato, funciona até os dias de hoje como escola que atende alunos desde a educação infantil até o ensino médio. Este edifício, antigo Hotel Tijuca, estava entre os casarões que marcaram o processo de ocupação do bairro. Em meados do século XX, durante uma série de reformas no Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas, todos os colégios do Brasil passaram a ter o nome da congregação, portanto, os dois colégios do Rio de Janeiro passaram a se chamar Colégio Marista São José.

Ambos os imóveis são edifícios imponentes, suntuosos. Aqui abordaremos o colégio da Rua Conde de Bomfim n.º 1067 que permanece em atividade e por sua dimensão geográfica e arquitetônica.

Figura 1 – Fachada do Colégio Marista São José (Rua Conde de Bonfim, número 1067)

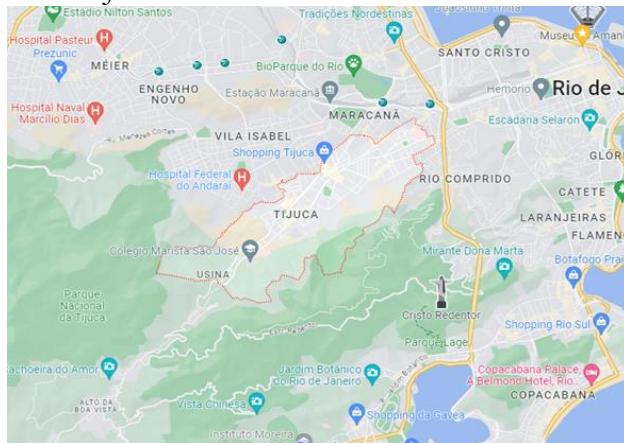


Fonte: Arquivo do Centro de Estudos Maristas

O bairro da Tijuca está há cerca de oito quilômetros do centro da cidade, conta com casarões construídos ao longo do século XIX e é habitado por famílias dos setores médios e altos da população carioca. Como se pode observar, o Marista está situado em um lugar de destaque na rua Conde de Bomfim, no alto, o que reforça na observadora, a sensação de monumentalidade. Por esta rua passam as pessoas que se encaminham para o bairro Alto da Boa Vista e para o Parque Nacional da Tijuca, onde está o monumento símbolo da cidade, o Cristo Redentor,

inaugurado em 1931. O bairro também abriga a residência oficial do prefeito. Tal perfil revela o público-alvo do colégio e os motivos que levaram os maristas a edificarem seus estabelecimentos de ensino na região.

Figura 2 – Mapa da cidade do Rio de Janeiro com destaque para o bairro da Tijuca e a localização do Colégio Marista São José



Fonte: Google Maps (2023)

Seu entorno é marcado por grandes montes com uma extensa área verde, posteriormente ocupada por duas favelas, o Borel e a Formiga⁶, cuja instalação ocorreu em data próxima à do Colégio. Essa região como se observa no mapa se encontra fora das zonas de grande fluxo de pessoas e de transportes da cidade. Atualmente, circulam por ali algumas poucas linhas de ônibus em direção à Zona Sul, ao Centro da cidade, à Barra da Tijuca e ao município de Duque de Caxias. Trata-se de uma área distante do próprio centro do bairro que se localiza nas proximidades do Shopping Tijuca indicado no mapa, isso significa dizer que por ali transitam majoritariamente moradores da região e das adjacências, e em sua maioria, em seus carros.

A extensa área verde, o número de casas e a circulação dos que ali viviam foram alguns dos interesses que levaram os maristas em 1923 a comprar o terreno do Hotel Tijuca com o fim de construir um colégio na região. Também se encontravam outros colégios católicos, protestantes e públicos no bairro, além de caminhos de bondes e vias abertas há pouco tempo, já que a urbanização da Tijuca ocorreu entre o final do século XIX e início do século XX (Bastos, 2017; Abreu, 1997).

A análise da materialidade das escolas, do patrimônio escolar edificado, encontra-se no quadro das pesquisas desenvolvidas pelo Grupo XXXXX. O enfoque do grupo não está voltado

⁶ Não é possível precisar a data da formação dessas favelas, mas os primeiros registros encontrados em nossa pesquisa datam entre as décadas de 1920 e 1930.

para a arquitetura dos prédios, mas para os sentidos ou representações atribuídas a essa materialidade de modo a perceber, para além dos tombamentos, se a população a considera um patrimônio, se vê a si mesma ali reconhecida. Este artigo, que se insere nesta perspectiva, tem por objetivo pensar o lugar das escolas no espaço da cidade, procurando identificar como marcam a paisagem – dimensão da percepção que nos chega pelos sentidos (Santos, 2005) - e compreender se e de que maneira produzem território na região da Grande Tijuca. Se “a escola (...) é o revestimento de uma ideia, ou o que dá no mesmo, a materialização de um discurso” (Benito, 2000, p.5), o que este edifício comunica para aqueles que já o frequentaram (ex-alunos) e para aqueles que não o frequentaram (transeuntes)?

Argumentamos que a cultura material, como "exponente visible y a la vez el efecto interpretado de los signos y de los significados que exhiben los llamados 'objetos-huelle', así como también las representaciones que los replican o acompañan" (Alba, 2022, p. 133), pode produzir patrimônio e territorialidades. Embora a noção de patrimônio e sua importância não se restrinjam às sociedades modernas ocidentais, modernamente esta categoria teve e tem o efeito de marcar um domínio subjetivo por oposição a um “outro”, por vezes confundindo-se com a noção de propriedade, como se fossem extensões morais de seus proprietários (Gonçalves, 2003). Como símbolo, o patrimônio detém a função não apenas de comunicar, mas também de agir. Não por acaso a noção de patrimônio constitui-se como categoria ao final do século XVIII, juntamente com a constituição dos estados nacionais, momento de definição do território, da geografia, da unificação linguística, da história local etc.

Quando se trata da cultura material expressa no patrimônio edificado e sua relação com a cidade, a noção de território e/ou de produção de territorialidades emerge. Estabelecimentos escolares são determinados, entre outros aspectos, por seu contexto socioespacial e participam da produção de território (XXXX, ano XXXX), especialmente quando tombados. Entretanto, a sensação de pertencimento a determinados espaços, as possibilidades ou não de aceder ao uso de lugares, considerá-los (espaços e lugares) como algo que se observa, se utiliza, se transforma e/ou do qual se orgulha, envolve compreender formas de controle material e simbólico do espaço (Halbwachs, 2006; Candau, 2021; Assmann, 2011). Envolve bens materiais e a memória que se produz a partir e com eles.

O espaço urbano, o traçado de ruas e avenidas, a morfologia arquitetônica, os monumentos, as esquinas configuram-se em imagens que se dão a ver. Daí a importância de observar a cidade, ultrapassando o ver, mera percepção dos sentidos, buscando o olhar, elaboração intelectual sobre o visto (Knauss, 2006, p.109). Olhar, assim, é construir uma

compreensão sobre a cidade (Possamai, 2011, p.2979). Ancorando-nos nessas ideias, realizamos uma série de entrevistas com ex-alunos e transeuntes que circulavam em frente ao Colégio em busca de seus testemunhos. Lançou-se mão das metodologias da História Oral construindo interfaces com ferramentas da etnografia, como os recursos do diário de campo e da descrição densa (Geertz, 2008).

A escolha dos colaboradores obedeceu a lógicas diferentes, embora as questões para os dois grupos fossem semelhantes. Para o caso dos ex-alunos, a apresentação de um dos pesquisadores à Associação de Antigos Alunos levou-o a indicações sucessivas para entrevistas, ainda que nem todos participassem da associação, mas foram indicados como pessoas vinculadas à memória do Colégio. Os encontros foram realizados no colégio e nas casas dos colaboradores. A despeito dos muitos contatos recebidos, a incompatibilidade de agendas dificultou os encontros. Ao todo foram coletados depoimentos de cinco ex-alunos⁷. Não foi intenção da pesquisa proceder por amostragem e realizar grande quantidade de entrevistas, mas sim, perceber a rede que se formou para a preservação e difusão da memória da instituição. Todo colégio católico parece desenvolver uma política de memória que pode ser observada nos cadernos de crônica, livros tombos e atas⁸ mantidos pelas congregações ou ordens religiosas mantenedora da instituição. As associações da ex-alunos e as mobilizações para o tombamento do edifício denotam a continuidade desta política e sua extensão para fora do corpo de religiosos ou religiosas.

Para o caso dos moradores do bairro ou de pessoas que circulavam em frente ao Colégio, as pesquisadoras⁹ passaram tardes e manhãs em frente ao Marista abordando quem passava por ali. Essa não foi uma tarefa fácil. A primeira dificuldade encontrada foi que pouquíssimas pessoas andavam pela calçada do colégio, como se esta fosse privativa. Já o outro lado da rua era mais movimentado, o que levou as pesquisadoras a se deslocarem para lá. Outra situação difícil foi realizar a gravação. A despeito das explicações sobre a pesquisa e do oferecimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, indicando explicitamente aos indivíduos que poderiam retirar sua colaboração a qualquer momento, muitas pessoas negaram o uso do gravador. Em pé, na rua, não foi uma situação fácil tomar notas também com o barulho dos carros. Com todas essas dificuldades, 14 pessoas se dispuseram a colaborar, nove homens e cinco mulheres, em sua maioria moradores do Morro do Borel e do Morro da Formiga. Trata-se, portanto, de uma

⁷ A pesquisa limitou-se aos ex-alunos como pessoas de dentro. A ampliação para entrevista com professores e funcionários talvez trouxesse novas visadas.

⁸ Sobre as muitas fontes memorialísticas mantidas por congregações religiosas ver Leonardi, Além dos Espelhos (2010).

⁹ Especial agradecimento às bolsistas de Iniciação Científica que participaram desta etapa de coleta de dados.

exploração de possibilidades ao indagar o que uma pesquisa como essa pode revelar do alcance de uma instituição em seu bairro. Como afirma Escolar e Fabri (2014, p. 446), “la memoria social requiere lugares y tiende à la espacialización”.

Para os dois grupos, a coleta de depoimentos realizou-se a partir de entrevistas semiestruturadas, tendo como pergunta central o que significava aquele edifício para eles. Reconhecendo a dimensão narrativa como “fator de mediação entre a identidade pessoal e a identidade pública, a ação individual e a ação coletiva” (Eckert; Rocha, 2013, p.39), buscou-se por meio do diálogo entre diferentes olhares compreender a complexidade da experiência temporal humana. Atentamos, também, para a dialética da identidade narrativa, sobretudo no que tange à amplitude e à pluralidade temporal no reconhecimento de si pelos sujeitos da pesquisa, como alerta a etnografia da duração (Eckert; Rocha, 2013). O ato de entrevistar exige certo exercício de estranhamento daquilo que é familiar (Velho, 2013, p.78) com o fim de que se confronte e se relativize intelectual e emocionalmente as diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos e situações apresentados na entrevista. A entrevista semiestruturada viabiliza esse processo já que, ainda que tenha questionamentos baseados em teorias e hipóteses da pesquisa, faz emergir informações de forma mais livre e as respostas não são condicionadas a um padrão de alternativas (Manzini, 1990/1991). Assim, as respostas dos entrevistados produzem novas questões, favorecendo não só a descrição dos fenômenos, mas também sua explicação.

Para a análise, pautamo-nos pela entrevista comprehensiva de Jean-Claude Kaufmann (2013) que defende a aproximação entre entrevistador e entrevistado para uma melhor construção de fontes. Buscou-se, portanto, romper a hierarquia entre pesquisador e colaborador da pesquisa com o uso de um tom de uma conversa procurando reduzir hierarquias (Kaufmann, 2013). Somou-se a isso, a escuta ativa e metódica (Bourdieu, 1997) que equilibra a entrevista entre a pura não-intervenção da entrevista não dirigida (aberta) e o dirigismo do questionário (questionário fechado). A transcrição das entrevistas foi, na verdade, sua reescrita que, mais do que reproduzir restritamente as falas dos colaboradores, incorporou os aspectos vividos no contexto da entrevista favorecido pelo diário de campo. Tanto as emoções trazidas pelos ex-alunos pré-dispostos ao gesto de recordação do colégio como se fossem espontâneos, à pressa e a objetividade dos transeuntes com os quais se conversou na porta do colégio foram entrelaçados às suas falas. É preciso ter em conta, contudo, que “como a passagem do escrito para o oral que o teatro faz, a passagem do oral ao escrito impõe, com a mudança de base, infidelidades que são sem dúvida a condição de uma verdadeira fidelidade” (Bourdieu, 1997, p.710).

E o que podemos afirmar que dizem essas fontes com todas as limitações que apresentamos para a realização das entrevistas fora da escola? Alberti (1996), Geertz (2008) e Velho (2013) respondem que não mais que um registro daquele momento. Recupera-se o vivido conforme concebido por quem o viveu sem descartar que a relação travada entre pesquisadores e entrevistados tem implicações nos resultados. Por esta razão, a produção de fontes orais não pode prescindir de uma análise da posição do pesquisador em situação, já que neste momento também se realiza o trabalho de enquadramento da memória (Pollak, 1989) ou, nos termos de Geertz (2008), de enquadramento do observado em um campo discursivo e epistemológico.

Nesta pesquisa, não nos esquivamos de reconhecer que os recortes de raça, de classe e de pertença religiosa devem ser levados em conta na produção das entrevistas. O acesso ao colégio e aos ex-alunos foi facultado a um pesquisador negro, de classe baixa, porém católico e que tinha bons relacionamentos no interior da Igreja. Por outro lado, uma jovem estudante negra e de classe baixa atraiu mais entrevistados que sua professora branca, mais velha e de classe média. Estes aspectos estão implicados nas descrições e análises que seguem.

OS EX-ALUNOS

Os colaboradores ex-alunos apresentaram muita semelhança em seus discursos quando perguntados sobre o impacto da presença do prédio do colégio na Conde de Bonfim, o que não é surpresa considerando que participam das mesmas redes. Suas memórias e imagens narradas conduzem a pensar na instituição como um espaço de recordação (Assmann, 2011). Todos estudaram pelo menos três anos no colégio, entre as décadas de 1960 e 1970, e destacam, além da edificação, a presença dos irmãos (religiosos membros da congregação) no colégio, as amizades que fizeram e as muitas atividades (retiros, cursos de liderança, grêmios) que existiam lá. O que se recorda e o modo como se recorda importam aqui.

A forma que viveram e ocuparam o espaço do colégio enquanto alunos, levou dois deles a afirmar que é um “espaço mágico”, sobretudo para os que foram membros da Associação de Antigos Alunos e participaram de atividades extracurriculares. Para um deles, isso permitiu “desnudar o colégio” referindo-se a uma convivência com os religiosos nos bastidores. Os campos de futebol e o pátio aparecem em todos os depoimentos como lugares de acolhimento e de muitas memórias sobre o tempo passado no Marista.

Valéria, moradora da Tijuca, professora, filha de uma família de classe média que viveu em São Paulo e se mudou para o Rio de Janeiro no início da década de 1970, entrou no colégio no ano em que a instituição abriu suas portas para meninas em 1971.

Eu acho que essa construção, esse estilo de construção quadrada, ela te recebe no **coração**, você entra no meio disso. Então, assim, todo o espaço de concreto, vamos dizer assim, todo esse espaço, quando abre a porta e você entra, **eu me sinto acolhida**. Sempre me senti assim, não vou dizer que não seja. Hoje tem essa coisa de não pode entrar qualquer um, não sei o quê. Eu não me sinto qualquer uma aqui dentro (...) é, então eu acho que quando essa construção favorece que você esteja no centro, no coração do colégio, o coração do colégio é esse pátio. Você tem vários outros ao redor, mas o coração é aqui. Então, então eu acho, eu acho que a vida do colégio tem que convergir para esse centro (Brito, 2022, grifos nossos).

Entrevistada no colégio, Valéria fez questão de apresentar vários espaços do colégio antes de se iniciar a entrevista, durante o percurso não conteve a emoção diante das recordações. Para ela, voltar ao pátio na celebração de encerramento dos retiros nos finais de semana na Fazenda dos Irmãos Maristas em Mendes, era sentir-se acolhida. Estar em um retiro é deixar-se inundar por um conjunto de valores, meditar sobre eles e comprometer-se. Pode-se imaginar como a emoção tomava conta da jovem. Não por acaso, tanto Valéria quanto o também ex-aluno José Flávio Góioia destacam o espaço impregnado de “magia”. Essa sensação descrita por Valéria mostra a relação afetiva que ela tem com o prédio pelas coisas que vivenciou:

Ó, muito tempo eu não entrava aqui. Vim por causa da associação. Mas quando eu entro aqui **existe uma mágica que é a memória, que é o passado**. E mesmo que você não queira sentir nada, você sente. Você sente aquele carinho, aquela coisa gostosa, sabe? Como se fosse um copo de chocolate quente num dia frio. Dá aquele aquecimento no coração. Então, assim, eu posso representar essa estrutura para mim dessa maneira. É um carinho, um afago, uma ternura por tantas coisas boas que eu vivi aqui dentro. Eu passei por várias, várias escolas, não é? É, fiz o primário numa escola pública, depois fui pro curso Fisk, entrei pro resto do primário para me preparar para fazer admissão, né, aí entrei na escola que a minha mãe queria, que era o Paulo de Frontin, que era só de meninas, colégio estadual. Do Paulo de Frontin, eu fui pra Santos, estudei no Marista de lá, depois vim para cá e daqui fui fazer magistério no colégio de freiras. Então, assim, algumas escolas. Não tenho por nenhuma essa relação que eu tenho aqui (Brito, 2022, grifos nossos).

Para ela, a magia está na memória, na capacidade de produzir emoções ao rememorar. José Flávio Góioia, morador da Barra da Tijuca, engenheiro, filho de uma família de classe média do bairro da Tijuca, morou durante muitos anos de sua infância bem próximo ao colégio, duas ruas abaixo. Hoje mora em um condomínio de luxo na Barra da Tijuca, onde realizamos a entrevista, confortável em sua poltrona, em seu espaço de repouso e de leitura. José Flávio se emocionou muitas vezes enquanto nos concedia sua entrevista. Ele foi presidente da Associação de Antigos Alunos de 1998 a 2002, e ao trazer a dimensão mágica do Marista, descreve o espaço incluindo cheiros e sons.

É um espaço mágico, eu me lembro, no meu primeiro ginásial, minha sala de aula era a sala de aula do lado direito, primeira sala de aula em que uma porta dava pro pátio interno e a outra porta dava para um lugar que tinha umas árvores bem sombreadas ali. E eu não posso me esquecer que nessas árvores sombreadas moravam cigarras. Então a gente tinha aula, principalmente no verão, com as cigarras cantando ali. É **impressionante, a gente parecia que era, já viu aquele canto da sereia no mar?** Eram cigarras cantando do lado direito, e do lado esquerdo era o pátio, e no pátio me chamavam atenção os pés de Romã. Então tinham romãs ali e o gramado era todo de grama amendoim (...), hoje eu não me lembro como é que está aquilo ali. Mas **era mágico para nós aquele corredor, é uma coisa mágica.** Aquele chafariz no meio. É uma coisa que nos... Era muito importante para nós aquela água ali no meio jorrando, era uma restauração para nós. (Gióia, 2022, grifos nossos)

José Flávio enfatizou ainda o quanto se sente muito privilegiado porque estava próximo dos irmãos, participava do Grêmio e, principalmente, pôde ter “intimidade com o prédio, com a construção”, o que lhe permitiu “desnudar os cantinhos do colégio”:

Pesquisador: Você acha que a monumentalidade, a construção como ela é, contribui para esse sentimento que você possui depois de tantos anos de ter saído do colégio?
José Flávio: **Intimidade, eu tinha intimidade com o colégio**, com os espaços do colégio. Intimidade com os espaços do colégio, o colégio tem assim, debaixo da escada tem uma porta que você abre e que eles guardam vassoura. **Eu conheço esses cantos** do colégio que abre e bota a vassoura lá dentro. Eu conheci um espaço lá embaixo, perto dos refeitórios em que tinha aquelas tralhas do colégio, ficavam guardadas lá. Então, esses cantinhos do colégio, todos eu cheguei a conhecer. O coro do colégio, coro da Capela é um lugar que ninguém vai, e eu ia no coro da Capela. Então, esses cantinhos todos eu tive a oportunidade de conhecer como aluno e depois revisitar como presidente dos antigos alunos. Intimidade, diria isso. **Eu tenho intimidade com o prédio, com a construção.** Então tem coisas assim que é desnudar o colégio, é desnudar os cantos do colégio. Os cantinhos do colégio (Gióia, 2022).

Essas impressões e a relação dos antigos alunos com a edificação escolar reportam à “alma das coisas”, isto é, da vida social dos patrimônios, construções sensíveis com poderes de agência, objetos materiais que não possuem apenas utilidade, nem são somente suportes identitários, mas mediam e constituem a vida social, não existindo separadamente dos sujeitos (Gonçalves, 2013, p.12). Como espaço de recordação, relatar sobre o edifício permite certa “tecitura incomum de espaço e tempo” (Assmann, 2011, p. 360) que entretece presença e ausência, o presente sensorial e o passado histórico, sem unir o aqui e o outrora. Em seus depoimentos, pode-se perceber sensorialmente o afastamento e a distância irrecuperável do passado acessado pelas recordações e pelas memórias (Assmann, 2011). José Flávio ainda apresenta uma compreensão do sentimento de pertença e de amor ao colégio como herança a ser transmitida de pai para filho. Ele afirma ser “um marista de três costados”. A expressão remete à genuinidade de ser aluno marista. As experiências vividas ainda com seu pai no colégio, levaram o colaborador a transmitir a seus filhos a herança recebida:

Eu, em particular, sou marista de três costados. Sabe o que quer dizer três costados? De três gerações. Meu pai foi aluno do Colégio Marista São José. Meu tio foi, meu primo foi. Então, na minha família, nós tínhamos três que tinham sido alunos maristas. **E eu morava perto do colégio. Adorava o colégio.** Porque havia sempre, em torno do terceiro final de semana de outubro, o dia do antigo aluno marista. Havia uma grande festa no colégio. E eu sempre ia com meu pai. Essa festa era um dia inteiro, um churrasco, um almoço. Na verdade, não era churrasco não, era mais almoço mesmo. Aquele almoço ruinzinho, aquela maionese, aquele negócio, mas era uma festa o almoço. Era uma gritaria e tudo, havia um futebol, tudo. Então eu me lembro, eu com meus 7/8 anos de idade. Eu ia com meu pai, saía, morava duas ruas abaixo do colégio. Naquele domingo, era uma festa para mim (Gióia, 2022, grifos nossos).

Ocupar o espaço de recreação dentro do Colégio, em uma festa dedicada à memória porque reunia ex-alunos é mobilizar memória e emoções. Sérgio, morador de Copacabana, nascido de uma família pobre em Uberaba, interior de Minas Gerais, trazido para o Rio de Janeiro pelos irmãos maristas para trabalhar na evangelização dos alunos do colégio, foi o primeiro coordenador da pastoral do colégio¹⁰. Entrevistado em seu apartamento, ao ser perguntado sobre a materialidade do prédio, Sérgio fala sobre como o colégio era percebido pelas famílias da Tijuca que ali matriculavam seus filhos.

Sergio: (As famílias) ficaram empoderadas de colocar o filho naquele palácio francês. Havia um empoderamento das famílias tijucanas (...) vinha alunos que lutavam por estar ali por causa daquela monumentalidade e pela rigidez do colégio, porque o colégio ensinava, dava dever de casa (...) uma segurança conceitual. A sociedade dizer: ‘nossa, mas como os católicos são organizados, não é, como eles têm educação, como os colégios são portentosos, não é?’ (Maia, 2022, grifos nossos)

Os termos “segurança conceitual”, “portentosos”, “palácio francês”, “monumentalidade”, dão a dimensão de como Sérgio vê a ação do Colégio sobre uma parte da população, contribuindo para a demarcação de uma fronteira. Para ele, essas famílias de classe média que vivem na Tijuca, um dos dez bairros com o metro quadrado mais caro da cidade do Rio de Janeiro (Thiegi, 2022), desejam, ao matricular seus filhos no Marista constituir-se enquanto estrato social que, ainda que esteja situado na zona norte, possui hábitos e costumes que os aproxima da elite carioca da zona sul da cidade, Ipanema, Leblon, Gávea. Todo morador do Rio de Janeiro conhece a piada de que os moradores da Tijuca não se consideram da zona norte, mas sim da zona sul.

Os colaboradores “buscam no passado a sua eterna contemporaneidade” sendo a memória não mais uma “lembrança – o que manteria um sentimento de distância – mas reatualização” (Yerushalmi, 1984, p.60 apud Lowy, 2005, p.142). Ao reviver e reatualizar

¹⁰ Pastoral aqui se refere a um trabalho, a um setor dentro do colégio voltado à evangelização, ao desenvolvimento da espiritualidade católica, a uma espécie de formação católica dos alunos do colégio.

experimentam a sensação de estarem ligados intimamente ao colégio ainda hoje. Esse sentimento que a presença do colégio produz nos ex-alunos levou-os a constituí-lo como patrimônio e lugar de memória (Nora, 1993). De tal forma, que para garantir a sua preservação frente à mudança de endereço de uma das unidades do colégio pela congregação e a consequente venda do imóvel que abrigava o antigo colégio fechado em 1999 (XXXX, ano XXXX), foi apresentado um projeto de lei que pedia o tombamento do edifício sob o argumento de que a unidade escolar havia sido “testemunha, personagem e palco da vida política, social, cultural e artística do estado” (Dias, 1999).

A segurança conceitual que Sérgio afirma que o prédio transmitia aos que buscavam matricular seus filhos acena para a eficácia do papel da monumentalidade na atração de novos alunos ao colégio. A “magia” do edifício presente nas entrevistas dos ex-alunos é um efeito da política de memória dos Maristas, a partir da preservação de seu prédio, da organização da Associação e de eventos. Mas e os de fora, essa “magia” do edifício conseguiria ser transmitida para as pessoas que cruzam o colégio ao passar em sua calçada?

OS MORADORES DO ENTORNO

Entre os colaboradores entrevistados na rua, aparecem em suas falas a boa fama do colégio que, segundo alguns, seria reconhecida por toda a região como uma das melhores do bairro. Considerada uma “instituição de valor”, com um “bom ensino”, um “colégio de tradição” e “bem conservado”, sua fachada imponente chama atenção da maioria dos passantes, que falam de maneira quase unânime da sua beleza: “bem conservada”, “tem verde”, “é muito bonita”. Alguns falam da “tradição” e do interesse em que seus filhos estudem lá, mas consideram o colégio caro, sem referir valor, indicando que não é para eles. Tais impressões, revelam como a imagem que a instituição produz pela presença do edifício no bairro, participa da memória dos moradores e dos passantes, sendo o prédio parte da construção memorialística podendo influenciar as memórias sociais (Delgado, 2007).

Ao serem questionados a respeito da fama da instituição e do valor, os colaboradores dizem ser um colégio “elitista” e que na região da Tijuca ainda há muita “burguesia”, que os estudantes que frequentam a instituição, não são moradores das favelas adjacentes, são filhos de pessoas com dinheiro. Certo “estilo de vida” pode ser lido pela presença desse prédio na região, que participa de determinada visão de mundo (Velho, 1973) demarcando fronteiras e elaborando identidades sociais muito perceptíveis nas falas dos moradores do Borel e da Formiga.

Sua fachada, como afirma um dos colaboradores, dá vontade de estudar, por parecer o castelo do Harry Potter:

Pesquisadora: Por que o prédio chama a atenção do senhor?

Rony: Porque ele é um colégio de... essa edificação, acho que tem oitenta (80) anos ou mais. Parece o castelo de Harry Potter! Parece a escola de Harry Potter, assim, eu tive a oportunidade de conhecer por dentro, é a coisa mais linda do mundo! Meu sonho era ter estudado aqui, minha filha estuda aqui. Eu acho um paraíso, um sol na terra! Onde eu gostaria de ter estudado a minha vida inteira. Lamento que aquilo que passei se chame colégio, aquilo não é escola, isso é escola! Eu estudei num prédio horrível! Hoje em dia virou um motel.

Pesquisadora: E o senhor acha que isso faz diferença?

Rony: Totalmente. Ah, basta ver Harry Potter, né! Quando eles chegam e veem aquela coisa linda e maravilhosa, isso aqui (Colégio Marista de São José) é a mesma coisa, dá até vontade de estudar. (Rony, 2023, grifos nossos).

Rony¹¹, um homem branco de 52 anos, advogado e morador do bairro prossegue estendendo a continuidade em relação ao passado por meio das constantes afirmações sobre a qualidade do ensino, a beleza da fachada, sua fama e tradição. Destaca que escolheu a escola de seus futuros filhos, antes mesmo de decidir ser pai, após sua primeira visita ao Colégio Marista São José.

Muito antes de pensar em ser pai, mudei para cá, em 2012, olhei o colégio, meu pai foi estudante Marista, não desse Marista, mas do Marista Diocesano de Uberaba. Vim aqui, dei uma volta, fiz um tour no colégio, descobri, fiquei maravilhado, e falei ‘quando eu tiver um filho, meu filho vai estudar no Marista. (Rony, 2023, grifos nossos)

Ao mencionar que seu pai foi estudante Marista, observa-se como a memória produzida pelas congregações religiosas que imprimem seu carisma¹² e missão em seus colégios se mantém presente como uma imagem para o colaborador revelando a eficácia da transmissão de valores culturais e sociais ao longo do tempo. Seu percurso educacional foi em instituições privadas, teve acesso a recursos e a oportunidades que o direcionaram a universidade se formando em Direito. Apresenta-se de uma maneira peculiar declarando-se jesuíta e afirma adotar não apenas uma filiação religiosa, mas um conjunto de valores e princípios que orientam sua perspectiva e suas escolhas, que ficam claras na decisão sobre a escola de sua filha.

A imponência da fachada do colégio o impacta de tal forma que ele é envolvido por sentimentos de nostalgia, encanto e, até mesmo, frustração por não ter participado daquela

¹¹ Para o caso dos moradores do entorno, utilizamos nomes fictícios.

¹² Na Teologia, carisma significa dom extraordinário divino concedido a crentes ou grupos. Todas as congregações e ordens religiosas definem-se pelo seu carisma e por sua missão, sendo este a aplicação do dom divino.

comunidade de ensino. A partir da fala de Rony, observa-se o peso da política de memória (XXXX, ano XXXX) da congregação marista sobre o indivíduo, e como a sua revitalização está intimamente ligada à relação pessoal do indivíduo com seu próprio passado. A localização e imponência dos prédios escolares estava prevista desde as diretrizes do Concílio Plenário para a América Latina (Atas, 1893) como forma de marcar a paisagem. E parece ter o alcance desejado na fala desse entrevistado. O edifício remete a um conjunto de valores para Rony. Como lugar de memória, que “nasce e vive do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, operações que não são naturais” (Nora, 1993, p. 13).

Por outro lado, aqui também se vê como marcou a geração de seu pai a ponto dele procurar uma escola da mesma congregação para sua filha, ainda que ele próprio não tivesse estudado em uma escola católica. A memória coletiva produzida no colégio e transformada em memória individual, exerce influência coercitiva à lembrança, incentivando cada indivíduo a reconectar-se com certa identidade e pertencimento. Esse sentimento de pertencimento, engloba o indivíduo em sua totalidade, destacando a importância da reconexão com suas memórias para construção e compreensão de sua identidade (Nora, 1993). Apesar de não ter estudado no colégio, o colaborador se sente ligado à instituição. A filha, que tem apenas dois anos, é estudante Marista, como ele havia prometido há onze anos. O sentimento de Rony identifica-se à invenção de tradição, ativamente construídas e mantidas por meio de “prática regulada por regra tácita de natureza ritual e simbólica que visa a inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (Hobsbawm; Ranger, 2006, p. 9).

Interessante notar que o colaborador também se refere, assim como os ex-alunos, à “magia” da instituição a partir da observação e de uma das visitas que fez, indicando a eficácia da transmissão da herança e da política de memória marista. Assim como Valéria, que afirma existir uma magia no colégio a partir de suas experiências vividas nele, Rony apresenta uma certa transcendência do colégio em seu maravilhamento ao afirmar que o colégio é “um paraíso, um sol na terra!”. É possível perceber as ênfases dadas à beleza, à enormidade e à maravilha que o colégio representa para ele, tanto a magia do pátio descrita por José Flávio quanto o aquecimento ao coração apontado por Valéria ao entrar no colégio novamente. Essas falas permitem observar as emoções profundas que determinados locais conseguem gerar, bem como os laços emocionais que conseguem estabelecer. Como afirma Assmann (2011, p. 218):

Mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais de recordação, na medida em que a ancoram no chão, mas também por corporificar uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve de indivíduos, épocas e culturas, que está concretizada em artefatos.

Por outro lado, há entrevistados que se sentem à margem desse espaço. Estes outros 13 entrevistados associam a importância da instituição à sua imponência demonstrando mais uma vez a eficácia de sua presença. Ao entrevistar as pessoas na rua iniciávamos perguntando a respeito da paisagem e o que chamava a sua atenção na Rua Conde de Bonfim, as pessoas falaram das faltas, das dificuldades, dos problemas urbanos. É como se não dirigissem o olhar para o Colégio. Os colaboradores reclamaram das péssimas condições das calçadas. Somente a do colégio é bem assentada, afirmaram. Destacaram também a situação precária do semáforo da rua. Afirmaram que ele só funciona nos horários do Colégio, e que fora desses horários permanece apenas piscando sugerindo que o Colégio teria ingerência sobre seu funcionamento. Independentemente da veracidade desses fatos, o que importa aqui é que tal percepção repete-se em várias falas, como na de Fernanda.

Pesquisadora: O que você observa no percurso da sua casa para o trabalho?

Fernanda: Em relação ao quê? A cidade?

Pesquisadora: Os edifícios, a paisagem urbana.

Fernanda: Não muito bonita, né? Não é muito bonita como deveria ser, a rua toda esburacada... A rua esburacada que só. Tem a questão desse abençoado sinal que só funciona quando ele quer, **quando esse Colégio resolve colocar pra funcionar**. Aí ele funciona, se não tem que atravessar na frente dos carros, porque não respeitam muito. Eles dizem que só funciona no horário do colégio, porque aqui de noite, quando vê, fica piscando, tá piscando... não funciona fora do horário do colégio o sinal.

Pesquisadora: Aqui na rua tem algum prédio/edifício que chama sua atenção?

Fernanda: Acho esse colégio aí bem bonito (...) nunca entrei, mas pelo relato das pessoas, parece ser bem bonito aí dentro (Fernanda, 2022, grifos nossos).

Para Fernanda¹³, moradora da Tijuca e vendedora de um pet shop situado na Conde de Bonfim, o poder de decisão do Colégio estende-se para além de seus muros alcançando a rua. A situação do semáforo foi uma pauta recorrente que parece indicar o contraste entre a visibilidade do colégio e a invisibilidade social da população local. As relações hierárquicas de uma comunidade sobre outra no território resultam em associação, dominação ou exclusão, dependendo das relações de poder e da política estabelecidas no local (Rosendahl, 2005). Como o Colégio é polo de votação durante as eleições, alguns moradores do Borel frequentam o local nesses períodos. Eles admiram a beleza do ambiente interno e sua grandiosidade, porém

¹³ Fernanda é o nome fictício atribuído a colaboradora.

destacam que não é para eles. Nesse contexto, a instituição é percebida como um objeto de desejo, gerando sentimentos de distanciamento, separação e invisibilidade para aqueles que não fazem parte desse grupo.

Uma linha demarca sensivelmente a distância e a possibilidade de aceder ou não a determinados lugares à medida que as percepções a partir do prédio e das vivências em seu interior podem se cristalizar como experiências. Assim como quando as experiências em recordações servem à legitimação, à deslegitimação e à distinção de classes (Assmann, 2011). Mesmo sendo reconhecido e até mesmo valorizado pelos transeuntes da Rua Conde de Bonfim, há uma distância intransponível. Para esses que se sentem negligenciados pelo poder público, até mesmo ignorados, qual seu patrimônio? Se o patrimônio serve ao território e à identidade, ao sentimento de pertencer e de possuir um espaço no sentido de praticá-lo (Santos, 2006), o Colégio Marista é uma imagem na paisagem, mas não um patrimônio dos moradores da cidade. O que ele comunica para os moradores do Borel e da Formiga é distinção. Como afirma Santos (2014, p. 14), “a capacidade de utilizar o território não apenas divide como separa os homens, ainda que eles apareçam como se estivessem juntos.”

As diferenças entre as impressões compartilhadas pelos moradores têm como marcador a posição social ocupada pelos colaboradores. Rony, advogado, morador da Tijuca e filho de ex-aluno marista, expressa, a partir da sua admiração pelo prédio, o desejo de empoderar-se como era de costume das famílias tijucanas segundo Sérgio. Ao passo que Fernanda, vendedora, apesar de também residir na Tijuca, não é atraída a olhar para o “palácio francês”, não fosse instigada a observar os prédios a sua volta. Para uns ele é objeto de desejo, para outros, notado apenas naquilo que impede ou atrapalha. Para os que estão fora da linha que demarca sensivelmente a distância e a possibilidade de aceder ao colégio (Assmann, 2011), o edifício não passa de um prédio bonito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Harry Potter é uma série de romances de fantasia escrita pela autora britânica J. K. Rowling. O personagem, aos 11 anos de idade, descobre que é um bruxo ao ser convidado para estudar na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts (castelo ao qual o entrevistado Rony se refere). Hogwarts é a melhor escola de magia, e é conhecida justamente por sua beleza e grandiosidade. Sua tradição e esplendor atravessam gerações, despertando nos pais a esperança de que seus filhos estudem nessa renomada instituição, símbolo de status e excelência.

Magia, no dicionário, quer dizer: “arte, ciência ou prática baseada na crença de ser possível influenciar o curso dos acontecimentos e produzir efeitos não naturais, valendo-se da intervenção de seres fantásticos”. Não é por acaso, que Rony compara o prédio do Colégio Marista São José ao castelo do Harry Potter. Alimentada por “lembraças flutuantes, telescópicas, sensível a todas as transferências, telas ou projeções” (Nora, 1993, p.9), a memória “afetiva” e “mágica” quando compartilhada em um grupo, não é espontânea, serve sempre a um fim (Mignot, 2002, p.41). Todo grupo, “veicula o seu próprio passado e a imagem que tem de si” (Mignot, 2002, p.41), já que “o que está em jogo na memória é também o sentido de identidade individual e do grupo” (Pollak, 1989, p.10).

A política de memória dos maristas envolve a preservação de seus prédios e a transmissão de certo *ethos* que atinge até mesmo alguém que não estudou ali. Isso porque a forma como a monumentalidade comunica a “segurança conceitual”, como disse Rony, impacta diretamente na manutenção das matrículas do colégio. Tal efeito, obviamente, depende da origem social dos sujeitos e de suas histórias de vida. O que desperta interesse é a agência do edifício sobre os sujeitos de fora. Construir edifícios é comunicar, é marcar, é constituir território (Santos, 2006). Nesse sentido, o Colégio Marista São José há mais de 90 anos vem comunicando pela monumentalidade, suntuosidade e grandeza de seu prédio a educação católica tradicional que se dispõe a oferecer. Comunica, também, que seu alcance atinge as ruas e as condutas interferindo no cotidiano dos moradores.

Investigar esse colégio como patrimônio constituído pela elite carioca é, percorrer a territorialização de determinada classe social, bem como da Igreja Católica e sua manutenção em um determinado espaço. Ao longo do tempo, por meio de estratégias como a recordação, a rememoração e o tombamento, o Colégio Marista se legitima como propriedade dessa classe, que utiliza o argumento da patrimonialização para impedir a instalação dos demais estratos sociais nesse espaço. Enquanto isso, aqueles que habitam o bairro da Tijuca, mas não compõem a elite, encontram-se do outro lado da linha - e da calçada - como se estivessem sentados na janela, apenas observando de longe, espectadores olhando a vitrine de uma loja de luxo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO; Zahar, 1997.

ALBERTI, V. O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado. In: **II Seminário de História Oral** promovido pelo Grupo de História Oral e pelo

Centro de Estudos Mineiros da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 1996, p.1-13. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/6767>; Acesso em 02 abr. 2023.

ASSMANN, A. **Espaços da recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

AZZI, R. **História da educação católica no Brasil**. Contribuição dos Irmãos Maristas: 1897-1987. São Paulo, Simar, 1997.

BASTOS, Pedro Paulo Machado. **O efeito do lugar no Rio de Janeiro**: uma análise da Tijuca no tempo e no espaço. 2017. 222f. Dissertação (Mestrado em em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/42/teses/864437.pdf>. Acesso em: 17 set. 2024.

BOURDIEU, P. Compreender. In: BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p.693-713.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2021, p.48-49

DELGADO, L. **História Oral**: memória, tempo, identidades. São Paulo: Autêntica, 2007.

DIAS, Carlos. **Projeto de Lei n.1067**. Rio de Janeiro, 1999.

Escolar y Fabri.

GEERTZ, C. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: **A Interpretação das culturas**. São Paulo: Zahar, 2008. p. 3–21.

GONÇALVES, J. (Org.). **A Alma das Coisas**. Rio de Janeiro: Mauadx; Faperj, 2013.

GONÇALVES, J. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 25–34.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, p. 17-25.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

KAUFMANN, J. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013.

KNAUSS, P. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. **Artcultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan./jan., 2006.

LEONARDI, além dos espelhos.

LOWY, M. **Walter Benjamin: aviso de incêndio.** Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

MANZINI, E. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MIGNOT, A. **Baú de memórias, bastidores de histórias:** o legado pioneiro de Armando Álvaro Alberto. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2002.

MOTA JUCÁ, G. Memória individual como expressão de uma memória social: reminiscências reveladoras das múltiplas facetas de Fortaleza. **História Oral**, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 95–117, 2020. DOI: 10.51880/ho. v22i2.938. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/938>. Acesso em: 13 mar. 2023.

NORA, P. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n.10, 1993, p.7-28

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

POSSAMAI, Z. LEITURAS DA CIDADE: EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO URBANO. In: , 2011, Londrina. **III Encontro Nacional de Estudos da Imagem**. Londrina: [s. n.], 2011. p. 2977–2981.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROCHA, A.; ECKERT, C. **Etnografia da duração:** antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

ROSENDAHL, Z. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. **Anais do X Encontro Geográfico da América Latina**, 2005. Universidade de São Paulo. p. 12928 - 12942.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. In: **Território, territórios**. Ensaios sobre ordenamento territorial. 2a ed. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 13–21.

SANTOS, M. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, M. O retorno do território. **OSAL: Observatorio Social de América Latina**. Ano 6, n.16, jun.2005. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf> Acesso em 31 mar. 2023.

THIEGI, A. Conheça os 10 bairros com metro quadrado mais caro do Rio. **Valor Econômico**, São Paulo, 29 mai. 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2022/05/29/conheca-os-10-bairros-com-metro-quadrado-mais-caro-do-rio.ghhtml> Acesso em 31 mar. 2023.

VELHO, G. **Um antropólogo na cidade.** Ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

YERUSHALMI, Y.: histoire et mémoire juive, Paris, La Découverte, 1984 *In:* LÖWY, M. **Walter Benjamin: aviso de incêndio.** Uma leitura das teses ‘Sobre o conceito de História’, São Paulo, Boitempo, 2005.

FONTES

BRITO, V. Entrevista concedida a XXXXXX. Rio de Janeiro. 25 jan. 2022.

FERNANDA. Entrevista concedida a XXXXXXXX. Rio de Janeiro. 21 nov. 2022.

GIOIA, J. Entrevista concedida a XXXXXX. Rio de Janeiro, 12 jul. 2022

MAIA, S. Entrevista concedida a XXXXXXXX. Rio de Janeiro. 06 out. 2022.

RONY. Entrevista concedida a XXXXXXXX. Rio de Janeiro. 17 jan. 2023.

Submetido em: 27 de out de 2025.

Aprovado em: 05 de dez de 2025.

Publicado em: 30 de dez de 2025.